

O SENTIDO DA MORTE

* Vera Lúcia Carvalho de Almeida

RESUMO

Este trabalho é uma breve reflexão sobre o sentido da morte do ponto de vista antropológico.

APRESENTAÇÃO

Neste trabalho optamos em fazer uma reflexão sobre a temática morte. Pretendemos abordar o tema aqui proposto através de algumas obras que auxiliam na compreensão do fenômeno da morte, como P. Arié, J. Ziegler, J. Ruffié e, principalmente, E. Morin entre outros; na tentativa de apontar fatores que justifiquem o desencontro do homem com a morte e suas contradições.

Poderíamos questionar e não concluir frente o des-encontro do homem com a morte, se existe um sentido da morte. Muitos estudiosos, na redescoberta desta temática explicaram este sentido através de rituais fúnebres, do mito, do medo, do horror, da morte, de suas fantasias, perdas emocionais, da revelação religiosa, do ciclo evolutivo natural, da necessidade da morte, da meditação metafísica, como fenômeno e episódios da práxis humana, através da experiência de cada cultura, e da imagem da morte projetada por elas.

Morin propõe inverter esta ótica quando afirma que se deve conhecer o homem por inteiro antes de se conhecer a morte, suas relações com a morte, e simultaneamente a morte pelo homem e o homem pela morte. Pois morte e vida são indissociáveis e a única imortalidade está na mutação, na metamorfose, pois esta se baseia no reconhecimento da morte, não no seu mistério. E a crença na imortalidade segundo Morin, não passa de um desvio imaginário que se divide entre a obsessão da morte e a fuga diante dela, que se revelam na recusa da morte, nos mitos da sobrevivência e na busca da própria imortalidade.

Este autor diz que o homem negligenciou a morte, desejou olhá-la de frente, mas a morte à qual se dirigiu era a sua própria imagem, da sua própria morte, do seu mito. Que julgando olhá-la, olhava para si e não compreendeu que o mistério não era a morte, mas sim a sua atitude com a morte. Morin mostra que é preciso inverter este olhar, inverter as evidências, estudar, descobrir o homem antes de estudar a morte, seria necessário revelar as paixões do homem para com a morte, os seus mitos na humanidade e considerá-lo como guardião inconsciente deste segredo. Daí sim poderemos estudar uma morte desnudada na sua pura realidade biológica. É neste momento que Morin chama atenção para a necessidade de se repensar a Antropologia. Da morte repensar a Antropologia e a meditar a biologia. Considerar as outras disciplinas como componentes ou dimensões de um fenômeno global.

* *Docente do Departamento de Ciências Sociais do CESULON.
Mestrada em Antropologia PUC. S.P.*

De se repensar os dados Antropológicos da morte, como o horror da morte e o risco de morte, que são os dois polos da Antropologia da morte. Pois como ele afirma a individualidade nunca é estável, ela está sempre em conflito, pois vai do esquecimento da morte ao horror desta e ao risco dela. O homem é o único ser que tem horror a morte, que mata seus semelhantes e que a procura. É nesta contradição, neste des-encontro com a morte que Morin questiona se o homem está adaptado ou não à morte. Ele encontra resposta no triplo dado antropológico da morte, a consciência da ruptura, o traumatismo e a imortalidade, que revelam e confirmam a inadaptação à morte. Embora ele diga que esta inadaptação é relativa, pois se o homem estivesse inadaptado a morte, este morreria de homens ao mundo. A morte é um imperativo da vida do homem enquanto um ser, espécie no mundo. A morte faz parte da vida. Portanto o risco da morte e o horror da morte estão presentes na individualidade humana.

Para este autor, a individualidade só pode escapar da morte aceitando a metamorfose, pois a possibilidade de dissociar vida e morte parece inconcebível, mas resta a esperança de modificar a morte, prolongar a vida individual.

A intimidade entre a vida e o homem é ao mesmo tempo, segundo Morin, a intimidade entre a vida e a morte, se se conceber que para o homem a morte é inseparável de sua fonte, de seu horizonte. A morte é o risco, o acaso a cada transformação do mundo, e o mistério da própria vida. "Para o homem, a morte faz parte da teia do seu mundo, do seu ser, do seu espírito, do seu passado e do seu futuro".

INTRODUÇÃO - ENCONTRO COM A MORTE

Escrever sobre a morte não é tarefa simples. Muitos estudiosos, em diferentes áreas, têm discutido esta temática sob diversas interpretações. No debate antropológico muitos são os que têm destacado os seus símbolos, suas entidades sobre-naturais, mostrando que seus significados se diferenciam de uma organização social para outra; e o conjunto de práticas rituais, que consagram e determinam a mudança de estado do morto, que se revelam no funeral, no sepultamento e no luto, refletem as perturbações que uma morte promove entre os vivos.

Se a morte pertence à própria estrutura da existência; se ela não é um acidente; se o homem é um ser para a morte, e, assim que começa a viver tem idade para morrer; se morremos a cada dia que passa; se o dia que deixamos de viver não é o dia em que morremos, mas sim o dia em que acabamos de morrer, como afirma Heidegger em o "Ser e o Tempo", por que o horror pela morte?

Se a morte é natural por que o conflito, a resistência? Ela (a morte) também em termos biológicos é natural, não apenas de acordo com a natureza, mas no sentido e que é universal, inevitável, como mostra W. Torres em "A Psicologia e a morte". Esta autora mostra que:

- a morte é o mais natural de todos os fenômenos, como o nascimento, a sexualidade, a fome, a sede... É um drama em três atos, cada ser vivo como a baleia, a flor, a borboleta é um ator que representa a mesma tragédia, ele nasce, se reproduz e morre.

- Do ponto de vista social e cultural a morte é encarada como qualquer outro episódio da práxis humana, através da experiência vivida de acordo com sua religião, raça, grupo etc. Sendo um fenômeno que atinge todos os homens mas em situações sociais específicas e determinadas por sua cultura.

Para Morin em "O homem e a Morte", seria necessário inverter esta ótica, conhecer o homem antes de conhecer a morte; as relações do homem com a morte; só então poderemos "dissecá-la na sua realidade biológica". Afirma que para "sair do repisar da morte", de uma revelação religiosa, de uma meditação metafísica, do mito que a envolve, é preciso, para conhecê-la, de uma ciência total, única, que permita conhecer "simultaneamente a morte pelo homem e o homem pela morte". Esta ciência deve lançar mão de todas as Ciências Humanas e Naturais, para iniciar o caminho de conhecimento para um estudo do "Homem Total que quer modificar o mundo e a morte e eliminar aquele futuro possível em que a morte se deverá modificar."

Morin afirma também que, contrariamente ao sociologismo, e ao culturalismo não existe uma muralha entre natureza e cultura, mas sim engrenagens de continuidade e descontinuidade; partindo de um pressuposto de que o homem se constitui de uma "dialética biocultural", nesta dialética as características culturais precedem e condicionam a compleição biológica do homem. A consciência da morte no homem não é inata, mas produto de uma consciência que compreende a realidade, que é através da experiência, que o homem sabe que tem que morrer, como um conhecimento externo, aprendido. Mas a morte permanece como algo hipotético, que o homem não sabe como enfrentar. Desta forma a preocupação pelos mortos é a preocupação com a morte.

1. A morte do outro

A dimensão deste tema se amplia cada vez mais. Tanto do ponto de vista das Ciências Humanas como das Ciências Naturais, iniciando uma batalha para o entendimento do fenômeno da morte sob diversos aspectos. Quer na redescoberta da sua importância, no tabu que a envolve, nas causas que levaram à sua negação, sobre o seu mistério. Indagações estas que o homem carrega rumo ao seu destino inexorável na apavorante idéia de desaparecer. Dilema com a qual o homem tem que conviver, o medo da morte, já que, pode chegar a qualquer momento. Seja por envelhecimento, acidente, doença, como um fenômeno inevitável representado na figura da morte do outro.

O homem hoje não se preocupa com a origem da vida, mas sim com a sua própria finitude e, por consequência, com a origem da morte. Como afirma Maranhão em "O que é a Morte", o sentido original da morte foi esvaziado; tão presente e doméstica no passado, foi se tornando vergonhosa, proibida. Já não é mais sagrada, já não é um destino. Se a morte é e continuará sendo inevitável, a esperança de vida pode prolongar-se e permitir a busca de novos caminhos. O homem pode desejar vencê-la definitivamente. Isto seria antibiológico? A vitória do homem não poderia acarretar a supressão dos nascimentos? Teríamos então uma humanidade constituída de grupos de velhos, mesmo experientes, que se tornariam um peso, cansados de viver. A morte implica a herança que recebemos e que deixamos, e, é essa transmissão que revitaliza a vida.

O silêncio que pesa sobre ela começa a ser removido, a deixar de ser ausente, inicia-se uma luta para vencê-la. Daí a necessidade da reflexão sobre a sua figura e que o homem elabora em sua consciência através da morte do outro.

O ato de morrer tornou-se uma assunto privado, uma das condições para a humanização da vida e da morte é aceitá-la como o destino metafísico do homem. Seremos sempre expectadores da morte, como diz Maranhão. Jamais nos encontraremos frente a frente com nossa própria morte: se estivermos presentes, ela estará ausente e quando ela estiver presente, nós é que estaremos ausentes; pois, para se imaginar morto é preciso estar vivo. Desse modo, nunca teremos a experiência real da morte, ela será sempre a morte do outro. Neste aspecto Maranhão contradiz a tese de Morin, de que a morte não pode ser estudada apenas como o destino metafísico do homem ou como uma revelação religiosa, para ele, se deve conhecer simultaneamente a morte pelo homem e o homem pela morte, para sair do repisar da morte, pois vida e morte são inseparáveis.

Segundo Torres, o conceito de morte está presente em fantasias, na incapacidade de amar, nas lutas e perdas emocionais não elaboradas, no próprio desejo de imoralidade.

Conhecemos hoje a origem provável da vida e os caminhos incontáveis que conduzem das primeiras células aos seres organizados. Todos os seres que observamos não são mais do que sobreviventes de uma aventura evolutiva que começou na aurora dos tempos e que ainda perdura, como mostra J. Ruffié em "O sexo e a Morte". Nos deparamos com a necessidade da morte, na substituição que permite a evolução seguir o seu caminho. Segundo este autor, o ciclo vital só é realizado na sua totalidade quando o indivíduo que procriou morre. À primeira vista, a morte parece um fenômeno absurdo, uma grave imperfeição da natureza, principalmente, se for visto do ponto de vista cultural. O homem aprende durante toda a vida, adquire experiências e seus conhecimentos aumentam como o tempo, e, quando ele atinge o auge, quando ele está pronto desaparece. Isto pode parecer um desperdício, uma anormalidade da seleção natural, no entanto, a morte está inscrita no "programa da vida" que todos carregamos ao nascer.

Ela (a morte) é o último ato, um fenômeno encontrado em todos os grupos, animais, vegetais... No ser humano é prolongada, permite a transmissão dos conhecimentos adquiridos. O jovem tem tempo para aprender junto aos adultos a bagagem de conhecimentos suficientes para sua sobrevivência.

Por saberem que devem morrer, os homens sempre buscaram a imortalidade no campo biológico. Talvez parar o tempo, recuar o prazo por técnicas de rejuvenescimento. No entanto, numa era em que a tecnologia avança a cada minuto, num mundo que se destina ao consumo, numa época em que a fecundação em tubos permite a modificação do patrimônio genético celular, a morte é ainda considerada um escândalo.

A sociedade moderna quer ignorá-la, procurando uma imortalidade vã, como afirma Ruffié. Pois, sob a visão da evolução biológica, a vida não se inicia na fecundação. Ela continua e passa por etapas necessárias, sob a forma de um ser que pertence a uma determinada espécie. A busca pela imortalidade, o apelo à imortalidade, para quê?

Para que servimos depois de termos ultrapassado um certo limite? Neste caso, a morte é uma necessidade biológica. Mas para o homem, a evolução cultural é que faz o futuro; da mesma forma que seu patrimônio genético, seus conhecimentos, suas experiências são transmitidas através das gerações.

Desta maneira, o debate sobre a morte é uma reflexão sobre a vida e o sentido da vida não pode ser analisado sem se deparar com o sentido da morte.

Para Morin, morte e vida são indissociáveis. A única imortalidade possível está na mudança, na metamorfose. Ele afirma que se concebemos a intimidade entre a vida e o homem, e, ao mesmo tempo, a intimidade entre a vida e a morte entendemos que esta é um risco permanente às transformações do mundo. Pois, para ele, a imortalidade não se baseia no desconhecimento da realidade biológica, mas no seu reconhecimento. Não no mistério com relação à morte, mas sim na lucidez, na afirmação da individualidade. Sendo que esta é que rege de forma dialética a consciência da morte, o traumatismo causado por ela e a crença na imortalidade. De forma dialética porque a consciência da morte evoca um traumatismo e este evoca a imortalidade. A aspiração à imortalidade é função da consciência da morte e do traumatismo da morte.

Somente o homem tem consciência da sua morte; nossa imaginação é que nos permite projetar-nos no futuro.

Nesta discussão, Morin aponta que a Ciência já calculou a idade do Sol e já lhe anunciou o fim, mas, intimidade por outro Sol que é a morte, coloca-a entre parenteses, esquecendo-a como esqueceu o Sol. Embora os homens tenham-na negligenciado, desejam olhá-la de frente, mas quando julgam olhá-la, olham a si próprios e não entendem que o ministério não é a morte, mas suas atitudes perante ela. Citando Bachelard, ele (Morin)

mostra que o que vemos é uma imagem, uma metáfora da vida, um mito, pois os homens falam dela como um sono, uma viagem, um nascimento, um acidente, uma morada dos antepassados.

A desejada imortalidade não é uma ignorância da morte, mas sim o reconhecimento da sua chegada, a qual modifica a ordem normal da vida. Nestes termos, existiria uma consciência realista, porém do ponto de vista etnológico da imortalidade e não como consciência da essência da morte. Pois, ao mesmo tempo, o homem se pretende imortal, mas designar-se-á como um ser mortal. O homem nega a morte como o próprio fim, mas reconhece-a como acontecimento. São nestes primeiros dados da consciência, entre a descoberta da morte e a crença na imortalidade, que, para Morim, acontece a contradição, a obsessão da morte e a fuga diante dela. O homem esconde a sua morte tal como esconde o seu sexo, envergonhando-se de sua espécie, achando-a obscena. A sexualidade e a morte são polos do ciclo vital que, através das gerações, transmitem a sua origem.

Na década de 60, vimos ressurgir o debate sobre o sexo, remitificado, redeterminado. Desta forma, Morim afirma que a morte será, de modo diferente, explorada e mitificada. Com o regresso da morte, o problema da morte, o problema de conviver com ela vai inscrever-se cada vez mais no viver. O caminho da morte levará mais fundo na vida assim como o caminho da vida levará mais fundo na morte. Pois, "Uma reforma da morte só pode ser a outra face duma reforma da vida". Este autor afirma que as Ciências Humanas têm negligenciado a morte, reconhecendo-a pelo utensílio, pelo cérebro e pela linguagem. Para ele a crença na imortalidade, não passa de um desvio imaginário dividido entre a obsessão da morte e a fuga diante dela. A espécie humana é a única em que a morte se faz presente durante a vida. E a única que, com práticas rituais, ritos funerários, consagra a morte e crê na própria sobrevivência e no renascimento dos mortos.

2. A angustia da morte

O moribundo é algo que incomoda, uma vez que a morte é ocultada, mascarada ela se torna um valor negativo para a sociedade. Sociedade esta que marginaliza os indivíduos que deixam de ser funcionais.

J. Ziegler em "Los vivos y la muerte", mostra que há uma tentativa para mascarar e disfarçar as desigualdades da vida e o homem ocidental é, hoje, mercador, seja vivo ou morto. Nossa sociedade não sabe o que fazer de seus mortos, já que os corpos deixaram de produzir e de consumir. Ele ainda afirma que libertar a morte e reintegrá-la no dever social é uma reivindicação que começa a adquirir vulto; que concorrerá, mais do que qualquer outra, para mudar a vida. Pois, é a morte que permite o nascimento e transforma a vida em história consciente, e a morte que instaura a liberdade. A sociedade moderna, segundo Ziegler, reduz o homem em sua vida e sua morte, em simples funcionalidade mercantil.

Para Ziegler nenhuma morte é natural. É sempre um assassinato, um corte, na medida em que nega a existência. Se por um lado a morte é libertadora, por outro ela é destruidora, limitando a existência do homem. A figura da morte é uma sombra destruidora da existência, e que só é sentida na morte do outro. É sua figura que mostra a finitude da existência; sem ela o homem não seria nada. A morte seria o fantasma da imortalidade que o ciclo da vida não pode assegurar.

Se por um lado ela é libertadora, nos leva da vida por outro a vida enquanto caminho para a morte é uma luta, uma rebelião permanente contra a morte.

Ocultas das crianças, a morte e os mortos, ficam no silêncio das interrogações, da mesma maneira que se ocultava a origem dos bebês no passado. O homem moderno quer vencer a morte, mas não fala nela. A sociedade moderna ocidental a nega, transformando-a em símbolo temido para os homens.

No século XX a morte é um sujeito ausente do discurso. Só na atualidade o silêncio vem sendo removido por alguns estudiosos. As manifestações de luto, a não participação da vida social, a expressão da dor, da saudade eram respeitadas, até a reintegração às condições normais da vida. Isto ocorreu durante séculos, mas as atitudes do homem ocidental perante a morte e o morrer mudaram, ocorrendo uma ruptura histórica, como diz Maranhão. Este comportamento desapareceu da cultura urbana. A sociedade ocidental contemporânea reduziu a morte a um nada. Privou os indivíduos de sua agonia, de seu luto, de seus ritos. A sociedade mercantil transformou-a ao negar a experiência da morte e do morrer. Ela coisificou o homem e sua morte. Neste termos, morrer seria a crise mais grave que o homem enfrenta.

P. Ariés em "O homem diante da morte" vem mostrar no decorrer da história que a temática desapareceu da linguagem familiar, passou a ser assunto proibido. A sociedade contemporânea banuiu a palavra do seu vocabulário e o tema se transformou em tabu, foi proibido na linguagem, e foi banido das preocupações do homem moderno. Para este autor as imagens da morte no ocidente, são imagens de classes. Na Idade Média a morte significava o encerramento da vida terrestre, mas era sobretudo, o início da aventura final do destino. Na época moderna, existe uma aparente continuidade dos ritos, mas a morte problematizou-se. A partir da metade do séc. XIX, inicia-se uma crise em face da morte, com reflexo da crise do mundo Capitalista. Se antes havia a promessa da vida eterna que prolongava o destino humano, na sociedade moderna, o homem pode com tudo, mas morto nada mais é: a morte interrompe o projeto do Homem moderno de transformar o mundo. Progressivamente, o homem cala-se sobre a morte e o morto, pesa o tabu, o silêncio. O homem é impedido de compreender sua morte e controlar sua angústia.

J.S. Martins menciona em "A morte e os mortos na sociedade bra-

sileira", que "Uma sociedade para a qual a morte já não tem sentido, é também uma sociedade, como dizia Weber, que perdeu o sentido da vida... Já não sabemos mais o que é a morte, porque já não sabemos com clareza o que é a vida." Esta citação nos faz pensar que se não sabemos o que fazer com a morte, se não pensamos nela, se não somos donos da nossa própria morte, significa que não pensamos na nossa vida. Deixamos de ser donos de nossas vidas. Ou melhor, se somos impotentes perante a morte, estamos transferindo esta impotência para nossas vidas. O homem hoje pensa com indiferença a própria morte.

Morin afirma que coincidindo com a angústia da morte, as descobertas das Ciências do Homem e da Natureza esmagam o indivíduo. Sendo ele um átomo invisível no planeta, onde as civilizações são mortais, num universo que caminha para uma explosão lenta, a morte humana caminha cada vez mais para o vazio e o infinito, restando ao homem uma solidão cada vez mais miserável. Desse modo a morte penetra no ministério que simultaneamente é o mistério da vida.

Desse modo, quanto mais a civilização se desenvolve, o homem morre ao mesmo tempo demasiado velho e demasiado novo. Demasiado velho porque perde rapidamente suas qualidades genéricas, demasiado novo porque o prolongamento da infância e da adolescência na modernidade permitem o auto desenvolvimento para sua sobrevivência. É entre os 30 e 50 que começamos a desfazer os nós que nos impedem de ver bem, gozar bem e amar bem.

Assim resta um sonho: o de morrer de velhice e de um futuro muito mais prolongado. Para Morin, a sociedade funciona não apenas apesar da morte e contra a morte, mas ela existe enquanto organização, pela morte, com a morte e na morte. Afirma ainda que a existência da cultura só pode ter sentido porque as gerações morrem e, portanto, a cultura precisa ser transmitida para as novas gerações.

3. A Negação do Encontro

Geneticamente a morte, a saída do mundo dos vivos, corresponde à parada de um conjunto dos processos bioenergéticos e suas funções. Para a fisiologia a morte significa o cessar completo e definitivo de todas as funções vitais. A morte natural chega caracterizada por uma série de anomalias: na pressão arterial, nos batimentos cardíacos, na respiração e, conseqüentemente, o indivíduo perde a consciência. Mas para os biólogos a morte verdadeira corresponde à desativação do encéfalo. A descrição da morte como fenômeno biológico, a decomposição, o putrefazer nos horrorizam. Imaginar um corpo que começa a se necrosar, produzindo odores insuportáveis, um corpo que se desitrida e resseca, as gorduras reunidas em estalactitas a penderem longas e moles das bordas dos caixões, são imagens que queremos afastar, são imagens que nos agridem, queremos afastá-las assim como afastamos o feio, o louco, o disforme e, por fim, a idéia da morte.

J.C. Rodrigues mostra que a finalidade dos ritos funerais é facilitar a viagem do morto, a transportá-lo para outro mundo, despedindo-o para um local apropriado e resolver questões que são suscitadas pela morte, como a necessidade de separar o morto do mundo dos vivos, fazendo com que os enlutados o esqueçam. Indica que no decorrer da história, diferentes grupos construíram seus sistemas de crenças e práticas com relação a morte, que os ajudam a compreender a "antiforma nos termos da ordem" através dos códigos simbólicos da cultura. J. S. Martins em "A morte e os mortos na sociedade brasileira", nos seus estudos sobre "ritos fúnebres da roça", afirma que falar da vida é falar da morte, porque estão juntas, é uma coisa só, mas não se desconheça que uma é contrária a outra. "No sertão, a vida é assim, ligada à morte pelo umbigo, vida e morte juntas e opostas," como diz Martins, na roça as pessoas não podem e não devem morrer antes ou depois da sua hora. Os ritos estão relacionados ao tempo, são ritos que pretendem evitar que se morra antes ou depois do tempo. Os cuidados que os vivos dedicam ao morto pretendem afastar a contaminação pela morte, evitar que o destino dos vivos seja ameaçado e determinado pelo morto. Pois o tempo de morrer deve chegar com a velhice, cumprindo o ciclo da natureza. Morrer antes do tempo significa perigo, porque a alma não está mais na ordem dos vivos e ainda não está na ordem dos mortos. Portanto se não faz parte do mundo dos mortos é uma ameaça ao mundo dos vivos. Nesse sentido, Martins mostra que esses ritos "... são ritos dos vivos e não dos mortos. São os vivos que administram a morte..."

Martins ao citar Weber, mostra a diferença existente entre o sentido que o homem da roça e o homem civilizado tem da morte "... para um homem civilizado aquele sentido não existe. E não pode existir porque a vida individual do civilizado está imersa no progresso e no infinito (...) essa vida não deveria ter fim (...) há sempre possibilidade de novo progresso para aquele que vive no progresso (...) o homem civilizado, ao contrário, colocado em meio ao caminhar de uma civilização que se enriquece continuamente de pensamentos, de experiências e de problemas, pode sentir-se "cansado" da vida, mas não pleno dela (...) a morte é a seus olhos, um acontecimento que não tem sentido (...) a vida do civilizado também não tem..."

Contrapondo a esta afirmação Morin diz que toda sociedade, por mais arcaica que possa ser, nos revela a presença do indivíduo por meio dos funerais e da crença na imortalidade.

Para este autor, os ritos funerários resultam do horror da decomposição do cadáver, de todas as práticas que o homem recorre desde a pré-história. Sejam estas para apressar a decomposição (cremação - endocanibalismo), para evitá-la (embalsamamento) e para afastá-la (quando o corpo é transportado para outro local longe dos vivos). Assim, a impureza do corpo em decomposição é que determina o tratamento fúnebre do cadáver, já que ela é pressentida como contagiosa. Grande parte das práticas funerárias

rias e pós-funerárias visam proteger os vivos contra o contágio da morte. O estado mórbido do momento da decomposição corresponde ao tempo de luto pelo morto numa transferência metafórica que revela o terror vivido em relação a ela, o período de luto corresponde à duração da decomposição do cadáver. A "impureza" do morto é a sua putrefação. O tabu de impureza afeta os parentes. Diríamos que esta impureza é simbolicamente contagiosa. Como uma doença que é sinônimo de morte, e todos querem estar vivos. Esta questão não é a única fonte de perturbações um dos aspectos mais evidentes e conhecidos é o "espírito", que está presente na vida cotidiana, regendo a fortuna; a caça, a guerra, a chuva etc. Além do terror da decomposição do cadáver há ainda a dor do funeral e a obsessão da morte. Este fatores têm algo em comum: a perda da individualidade. A dor provocada pela morte só existe se o morto tiver sido íntimo. O mesmo acontece em relação ao terror da decomposição e quando o morto é um amigo, parente é sentida mais do que mortes distantes. Isto sugere a preocupação do homem em conservar a sua individualidade para além da morte, sendo a morte de um ente querido, aquela que transmite um sentimento da perda da individualização, apenas indiferença. A idéia da morte é, então, da perda da individualidade.

Morin, afirma que "A individualidade que se revolta perante a morte é uma individualidade que se afirma sobre a morte." Ele revela que nas atitudes e crenças perante a morte é que o homem se distingue dos outros seres vivos, exprimindo o que a vida tem de mais fundamental. A morte, é a primeira vista, uma espécie de fenômeno que prolonga a vida individual.

O cadáver humano suscita emoções que vão se realizar nas práticas fúnebres, onde a sua conservação implica em um prolongamento da vida. O não abandono dos mortos implicariam na sua sobrevivência. Não existe qualquer grupo arcaico, mesmo que primitivo, que abandone os seus mortos ou seus ritos. Os mortos sempre foram alvo de práticas que correspondem a crenças sobre a sobrevivência É por isto que na sepultura, o primeiro dado universal da morte, o morto é acompanhado por suas armas, alimentos etc.

É levado a sua "casa", seja para protegê-lo ou para impedi-lo de reaparecer entre os vivos. É nesta prática, entre o momento da morte e o momento da aquisição da imortalidade, que o funeral, o sepultamento consagram e concretizam o estado do morto. É no momento de certos atos cerimoniais, que através do funeral, se prova ao morto a aflição dos vivos, para garantir a sua benevolência. A dor do vivo pode ser sincera, mas o seu exibicionismo que pode ir até a utilização de carpideiras, visa agradar a morte e o morto. Assim como hoje vemos belas palavras serem pronunciadas sobre a tumba, elogiando as qualidades do morto, não se ousa falar mal dele. Assim, "durante o luto, o morto está entre duas vidas, medonho, amargo, odioso, e a sua podridão é contagiosa: a viúva e os parentes são

isolados, condenados a vida abjecta, a sua casa e roupas trazem a marca do tabu que os torna intocáveis”.

É pelo luto e pelos funerais que se percebe a dialética entre a inadaptação e a adaptação do homem frente ao seu dever. O luto exprime a inadaptação à morte, mas ao mesmo tempo é o processo social da adaptação a ela. No que se refere à crença na imortalidade, a religião va achar-se no completo inadaptação-adaptação do homem, que através dos ritos de imortalidade, permite superar a angústia. A religião se apresenta como adaptação e traduz a inadaptação humana. Ou seja, a religião vem tranquilizar o medo do desconhecido, o medo do fim, o medo da extinção individual. O medo da morte é, pois, o medo de perder a conhecido, o instinto de conservação da individualidade cristalizando-se no apego à vida.

A religião sempre esteve presente nas culturas, adquirindo papel importante na vida do homem. A experiência religiosa e a fé em algo no além, gera a esperança de sobrevivência.

As religiões e suas práticas podem evidenciar maneiras diferenciadas de tranquilizar a angústia da morte e o lugar do morto.

No catolicismo predomina a crença de que após a morte, há um julgamento que determina a nova morada do morto.

Conforme suas atitudes na terra, este merecerá o céu ou inferno, e é como situação intermediária o purgatório. O espiritismo, no desejo de obter informações sobre a vida no além acredita na reencarnação de diversas vidas e na comunicação com os espíritos. A salvação se dá através da evolução espiritual, negando a existência do céu e do inferno. Nascer e morrer, renascer representa o início de uma nova existência. O cristianismo, na ligação com Deus proporciona aos homens a vida terrena estável e uma vida futura perene. A certeza na ressurreição e na fé oferece uma vida imortal. A não ser pelos religiosos a morte é um mistério. O Xintoísmo, religião nacional do Japão teve sua origem em antigas tradições nativas em seus cultos à natureza, a heróis. Durante o período Meiji até o fim da 2ª Guerra Mundial o que representou o papel religioso oficial do Estado, tomava a forma de culto cívico em torno da figura do Imperador. A morte não é algo a temer, seus ancestrais são cultuados em altares com oferendas às suas almas. O Budismo prega o renascimento, a crença de que após a morte há o retorno da alma à terra em outro corpo. As realizações na vida anterior são válidas e herdada na nova existência levando em direção à perfeição. Buda ao falar aos monges diz: “O homem comum ...pensa com indiferença na morte do distante, com tristeza na morte do parente, com horror na própria morte”. Tais palavras demonstram a angústia do homem, o medo do desconhecido, o medo da extinção individual, o medo do fim.

Desta forma, a religião se apresenta como uma técnica protetora contra o risco existencial e cultural da morte. Como afirma Ernesto de Martino ao citar Benedetto Croce em “Morte e Pianto Rituale”, sobre a lamentação funerária”, ...ao expressar a dor nas várias formas da celebração e do

culto dos mortos, supera-se o desespero, tornando-o objetivo. Assim, fazendo com que os mortos não sejam mortos, começamos efetivamente a fazê-los morrer em nós". (Frammenti di Ética - 1982)

4. Representações da morte

Os mortos têm alojamentos idênticos aos dos vivos. Seja em casas apropriadas, tumbas, mauselêus ou ainda cidades próprias. Mas as práticas utilizadas no alojamento dos mortos diferem tal como os tratamentos dados ao cadáver. Esta abordagem do tema é feita por J.C. Sebe no seu texto: "Tempo e Morte nos cemitérios do vale do Paraíba", estas diferenças manifestam-se de acordo com etnias, culturas, religiões, sociedades e classes sociais a que pertencem o indivíduo morto e seus familiares. Tanto brasileiros, japoneses, judeus; brancos, amarelos ou negros; como ricos e pobres; todos homenageiam seus mortos. Seja pelo modo de ocupação do espaço, utilização de materiais empregados na feitura dos jazigos, como nos padrões estéticos. Resultado do sistema social e econômico que viveu, coerentes com sua visão de mundo e história de vida.

Na representação da morte é possível perceber as transformações da vida social, os conflitos sociais que na morte procuram a "recompensa eterna", do "descanso eterno", da "paz verdadeira". Na busca da imortalidade, do renascimento da ressurreição, do eterno. Neste momento triunfa o bem sobre o mal. Morte e mito se mesclam para garantir a validade da vida, a "dura vida terrena" e as "delícias do paraíso", desta maneira não só os ritos funerários, mas o sepultamento solidificam símbolos da outra "vida", para representar a imortalidade.

Nesta representação destacam-se dois valores: a tradição familiar e o poder econômico. Sendo que o primeiro rende-se ao segundo, a honra, a moral, o nome. O poder deve triunfar sobre a vida, eternizados em monumentos e rituais. Os cemitérios (brasileiros) mais prestigiados pela elite. Tendem a evidenciar a força do grupo, da família na sociedade. Na sepultura membros de famílias são reunidos em um mesmo conjunto. Velas, flores, orações fazem parte do aparato ritual para manter viva a imagem do clã familiar, de grupos tradicionais e políticos que representam as bases do sucesso econômico e social de uma comunidade. São reverenciados numa espécie de metáfora da continuidade do poder, do prestígio, da força, da honra social. Assim a manutenção da memória do morto é mais que dever, e os jazigos devem condizer com a posição social vivida.

Mesmo estudando exemplos em culturas diferentes, a desigualdade e a diferença permanece na morte. O duplo do pobre continua pobre, a casa do morto reflete a casa do vivo. Isto reproduz-se nos cemitérios urbanos, onde monumentos contrastam com as tumbas de mortos pobres.

Uma visível divisão separa os espaços dos ricos dos espaços dos pobres, na composição dos cemitérios; mesmo que apresentem pequenas variações, como estilo, ornamentos, materiais, espaços e organização geográfica, em sua estrutura. Desta maneira, mesmo a análise dos túmulos,

como afirma J. Carlos Sebe, pode ser avaliado o estilo de uma sociedade. Opções culturais de determinados grupos, maneiras de enterrar seus mortos, maneiras de existir. A história e o sistema econômico ditam estilos diferentes de vida e de morte, os quais se evidenciam através da divisão dos espaços nos cemitérios. A luta por uma área em um cemitério se dá pela substituição dos túmulos humildes, os quais vão dando lugar aos túmulos para pessoas pertencentes as classes mais favorecidas nas necrópolis que são socialmente prestigiadas.

As alamedas e avenidas reproduzem a sociedade urbana. Para casa espaço há um tipo de sepultura, a dos ricos imponentes monumentos, geralmente em mármore, a do pobre de tijolo caiado, determinando a divisão social e conseqüentemente a divisão geográfica dos cemitérios. As famílias mais importantes se localizam nos espaços privilegiados, mas existem exceções quanto às condições econômicas. A ideologia étnica e religiosa podem determinar tipos de sepulturas, como os judeus, protestantes, islâmicos, budistas e xintoístas que sepultam seus mortos diferentemente do padrão sugerido pelo catolicismo, mostrando a multiplicidade étnica e religiosa. Os judeus por exemplo têm seus túmulos dentro de padrões considerados simples, fogem do monumental. Nas sepulturas budistas as inscrições em japonês substituem os "padrões normais" os negros em geral são enterrados nas periferias, nos cantos dos cemitérios.

Esta distribuição de túmulos em cemitérios urbanos reflete o modo de vida social, condições culturais e pressões sociais.

Interessante notar também nas necrópoles brasileiras, como mostra J.C. Sebe, a relação de passado-presente nas mensagens sepulcrais. Prevalecem o poético, o nostálgico com relação a vida terrestre e o além. As frases dizem de saudade, lembrança, agradecimentos, refletindo o sentido da vida, da morte e da sociedade. Pode-se notar a existência de fotografias, brinquedos, comida e outros objetos que são depositados nos jazigos por familiares. Este tipo de comportamento só pode ser entendido mediante o culto da morte, que uma sociedade mantém, ao tratar seus mortos como personalidades vivas e com vontades próprias. Assim a consagração social de se enterrar os mortos simboliza mais do que o culto da morte, significa o próprio sentido da vida social vigente. Pois o conjunto de significantes transforma-se em um desafio para aqueles que pretendem compreender uma sociedade.

Carlos R. Bradão em "A Morte: essa vizinha", afirma que os ritos funerários são não só criados, mas vividos entre os vivos nas suas determinadas culturas e valores específicos. Desta forma, cada sociedade atribui sentido aos seus mundos, seja na sua realidade cotidiana, imaginária ou no desespero frente a sua finitude. Os ritos da morte protegem simbolicamente os vivos de morrerem com aquele que morre. Neste caso, o funeral tem a função de transformar o terror pela morte e o futuro inevitável de desaparecer, em uma explicação, ou melhor uma compreensão, um consolo perante a fatalidade do fim. Também se pode analisar estes rituais que im-

pedem os vivos de morrerem com aquele que morre, como a perda da individualidade que se vê na morte do outro e se teme para si. Brandão ainda mostra que as cerimônias solenizam o reconhecimento coletivo de atribuir aos mortos um lugar apropriado fora do mundo e da ordem cotidiana dos vivos. Um lugar para onde o morto não só deva ir, mas queira ir. E mesmo que os vivos neguem a morte, aprendem com ela mediante seus poderes, e pela avaliação que se faz sobre o que os mortos foram em vida, evidenciando-se razões para as crenças em seus poderes, para necessidades e explicações fora do alcance e controle do vivos. De maneira que as relações com a morte e o morto não se esgotam no momento ritual do enterro, elas fazem parte da existência humana. J. C. Rodrigues em o "Tabu do Corpo", afirma que muitos dos desentendimentos e richas são desfeitos ou deixados entre parentes no momento do velório.

Isto nos faz lembrar Malinowski, em "As regras legais nos atos religiosos", que ao mostrar os aspectos legais em outras esferas da vida tribal entre os Trobriandeses no nordeste da Nova Guiné, toma como exemplo as características dos ritos fúnebres e as lamentações pelo morto, mostrando seu caráter religioso. Os atos de piedade pelo falecido refletem o medo, o amor pelo seu espírito. Nestas manifestações rituais e religiosas os trobriandeses demonstram sua emoção publicamente como parte da vida cerimonial da comunidade. O ato mortuário é uma obrigação dos participantes para com as pessoas vivas. A viúva tem papel fundamental nesta cerimônia, deve lamentar-se por tristeza, piedade, medo, e sua mágoa satisfaz os parentes maternos do morto. Embora ela sinta a perda de seu marido, é seu dever demonstrar sua dor aos parentes dele e guardar um longo período de luto. Ela receberá deles, por suas lágrimas, um pagamento ritual considerável e mais pagamentos pelo luto. "Para os nativos, o luto não é senão um elo na cadeia de reciprocidade estabelecida por toda a vida entre marido e mulher e entre suas respectivas famílias." A discussão de Malinowski nos remete como exemplo ao funeral Bororo (M. Grosso - "Quando a vida passa pela morte") que mesmo com o contato e interferência de estranhos (missionários, turistas, pesquisadores, Funai) preserva traços culturais básicos da ordem mística do próprio grupo. Como em outros grupos, os funerais são presentes em suas vidas, mostrando a relação permanente entre a produção material e a existência espiritual da sociedade.

O funeral Bororo estabelece-se por práticas lúdico-religiosas, que indicam a continuidade da existência. Este funeral pode durar até três meses, a partir da morte do indivíduo e o enterro definitivo. O ritual funerário Bororo inicia-se com um primeiro sepultamento em que o morto é enterrado numa praça central da aldeia, numa cova rasa que deverá ser aguada para apressar a decomposição do cadáver. Depois de desenterrados, os ossos são lavados, ornamentados e depositados em cestos de palha para serem enterrados definitivamente. Estas atividades, são acompanhadas de cantos, danças, caça, pesca, refeições coletivas e representações cerimoniais. É durante estes ritos que os velhos transmitem seus conhecimentos e

valores para representar o morto. E assim como o morto desaparece, sua casa é destruída na ocasião de sua morte, sendo construída uma nova casa. É no funeral que a sociedade Bororo reafirma-se enquanto coletividade e grupo coeso, é neste momento que ela se une, socializa seus jovens e renova seus valores e práticas.

A primeira vista o apressar da decomposição do cadáver, a lavagem e ornamentação dos ossos desenterrados, que são seguidos de ritos cerimoniais, pode apresentar a idéia de que não existe expressão de horror à decomposição do cadáver entre os Bororos. Mas se nos atermos a discussão de Morin, podemos questionar se o próprio apressar da decomposição do cadáver não significa o seu terror. Desta forma evitando o necrosar do cadáver. De acordo com Morin os ritos funerários e suas práticas resultam deste horror, seja para apressar a decomposição ou evitá-la. É a impureza do corpo em decomposição que determinará o tratamento fúnebre que por sua vez visa proteger os vivos contra o contágio da morte. É importante perceber neste exemplo que assim como o morto desaparece, sua casa e seus pertences são destruídos. Também podemos perceber que no funeral Bororo há um controle sobre a decomposição do cadáver. As práticas de representação dos mortos pelos vivos são desempenhadas por determinadas pessoas através de graus de parentesco, pessoas que representam, detem espíritos, entidades em determinados dias e horas, longe das mulheres e estrangeiros. Isto marca uma situação de limite, de perigo. Podemos acreditar que esta prática corresponde ao que Morin afirma ser a preocupação de apressar a libertação do "Duplo" da impureza.

L. Strauss em "Tristes Trópicos", lembra que certamente não existe nenhuma sociedade que não trate de seus mortos com consideração, e que desde o homem de Neandertal os mortos eram sepultados em túmulos, mas tais práticas podem ser diferenciadas conforme o grupo. Ainda sobre a cultura Bororo, L. Straus afirma que para estes há uma oposição entre a natureza e a cultura, sendo que a vida humana pertence a ordem da cultura. Para eles, afirmar que a morte é natural ou antinatural não faz sentido, mesmo que simultaneamente ela seja natural e anticultural. Sempre que um indígena morre, sua sociedade é lesada, o fato é visto como um prejuízo causado pela natureza, que é considerada assassina. Em "Minhas Palavras", L. Straus menciona dois tipos de atitudes dos vivos perante a morte. O primeiro denomina-se de "morto reconhecido", é como se houvesse um "contrato" entre vivos e mortos. Neste caso, algumas sociedades deixam seus mortos em paz, em troca de homenagens em tempos determinados, estes por sua vez não perturbam os vivos, em caso de visitas estas serão benéficas e de proteção. No segundo, os vivos negam aos mortos o repouso, mobilizam-no em seu benefício, a serviço de suas ambições e vaidades quer sob fantasmas, ou pelos ancestrais. Seja pelo medo, que inspiram estes mortos, a recusa de seu descanso é cobrada. L. Strauss afirma que aparentemente estas atitudes com relação aos mortos podem parecer incompatíveis, e que muitas sociedades podem apresentar apenas uma delas,

mas que em algumas sociedades ambas podem se apresentar conjuntamente, como se só pudesse ser pensada uma em função da outra. Entre os Bororos, as duas atitudes estão presentes, nas crenças e práticas dos rituais funerários no momento em que o morto entra para a sociedade das almas, protegendo a tribo; no outro, há a vingança da sociedade dos homens, contra o responsável pela morte. L. Strauss mostra que enquanto entre os Bororos a sociedade masculina de vivos representa para os não iniciados, "A comédia das almas visitantes e benfazejas". Na América do Norte, os algonkin (aberta às mulheres), a sociedade dos vivos representa "o drama de sua própria morte", para as almas não virem visitar os vivos, num caso ou no outro a visita pode ser desejada ou temida "que a representação que essas sociedades elaboram da relação entre os vivos e os mortos não é mais do que a projeção, na tela do pensamento religioso, das relações reais que predominam entre os vivos".

5. Fantasma da morte

Morin afirma que a humanidade arcaica reconhece que a morte é seguida de nova vida através da mesma metáfora que reconhece na natureza. Parte das crenças imediatas em que o morto pode renascer criança ou animal, e que o homem apropria-se das forças de nascimento e fecundidade da morte através da magia, do sacrifício e da iniciação. No conceito arcaico, a crença na sobrevivência pessoal na forma de "expectro", o indivíduo demonstra a necessidade de salvar a integridade após a decomposição. Esta preocupação com a continuidade da vida depois da decomposição se apresenta desde o paleolítico que acompanha seus mortos de armas e alimentos. Morin ao citar Frazer, exemplifica que "Da Melanésia a Madagascar, da Nigéria à Colômbia, cada povo teme, evoca, alimenta e utiliza os seus mortos; mantém relações comerciais com eles; atribui-lhe função positiva na vida, suporta-os como parasitas, acolhe-os como hóspedes mais ou menos desejáveis, atribui-lhes necessidades, intenções e poderes. "Desta forma percebemos que para todos os povos a vida dos mortos é preocupação comum projetada na imagem da vida. A vida cotidiana é projetada na morte.

Morin, mostra que expectros na forma de fantasmas são a imagem dos seres vivos que ele denomina de "Duplo". Este é o âmagô de toda a representação arcaica em relação aos mortos. Este "Duplo acompanha o vivo na sua existência que sente-o conhece-o, ouve-o e o vê na sua experiência cotidiana, em seus sonhos, suas sombras, seus reflexos". Sendo a sombra a manifestação, aparência, a representação do "Duplo". Que através dos sonhos, dos desmaios, do sono manifesta a sua fuga. Citando Spencer este autor evidencia que a sombra foi um dos primeiros mistérios do homem, a primeira percepção de pessoa, tornando-se a aparência, a representação do "Duplo". Um exemplo que cita é o dos habitantes de Amboino e Ulia, duas ilhas do Equador. Nunca saem de casa a meio dia porque não fazem sombra, com medo de perder o seu "Duplo". Frazer também cita

numerosos tabus que protegem a sombra da fuga e contra outras sombras. Voltando a Morin, o "Duplo" vive a vida do vivo, mas não morre com ele, os espectros não deixa o espaço dos vivos. O "Duplo" teria as mesmas necessidades que os vivos, mesmas paixões, sentimentos, etc.

Notamos aqui muita semelhança da relação do "Duplo" com o luto guardado pelos Imigrantes Japoneses * (Pesquisa de Campo (entrevistas com imigrantes japoneses sobre a morte) Londrina - nov. 1989. de religião budista. Estes afirmam que neste período, (49 dias) de luto e de decomposição do cadáver, a alma ainda não se desprende deste, e é preciso que ela encontre o seu lugar. Neste período a alma não pertence nem ao mundo dos mortos, nem ao mundo dos vivos. Também são ofertados os alimentos preferidos pelo morto em vida, como se este tivesse as mesmas necessidades que tinha em vida. Pois como afirmaram estes imigrantes, mesmo depois de mortos os indivíduos têm vontades, porém, explicam que não se alimentam da matéria, mas da essência. Neste sentido os japoneses não o clamam, não podem a sua ajuda. Acreditam que estes precisam seguir o seu caminho, caso contrário ficariam apegados ao mundo dos vivos. Nesta visão os mortos deve ser cultuados em oratórios próprios nas residências, onde lhe é ofertado pelo menos uma refeição diária.

O morto, ou seja, o seu "Duplo" permanece com sua individualidade tendo suas necessidades satisfeitas através do culto aos ancestrais que os imigrantes japoneses lhe rendem.

Embora exista diferentes práticas de despedir o morto, não sendo o sepultamento a única, a incineração que é utilizada desde os tempos pré-histórico tem o mesmo significado, o de desempenhar o papel da decomposição natural. Correspondem a uma preocupação comum de apressar a libertação do "Duplo", da impureza da decomposição. O embalsamamento e a mumificação do cadáver impedem o período terrível da decomposição. Em que o corpo e o duplo ainda estão misturados e se torna uma ameaça, pois a consciência dos vivos não consegue dissociar o duplo do cadáver. Daí o extremo preparo do ritual fúnebre e a existência do luto que corresponde a duração da decomposição, momento em que o morto está entre duas vidas. O luto e os tratamentos funebres são determinados pela decomposição e pela preocupação de proteger o duplo e os vivos. Daí o culto para a serenidade do "Duplo".

Morin afirma que ao reestudar a morte não partiria do caráter escandaloso da morte em relação à vida, mas do caráter paradoxal e escandaloso da vida com relação à ordem física. Para opor a ordem biológica à ordem física, na sua relação complementar, concorrente e antagonista à morte. Demonstrar a relação entre a vida e a morte. O "viver de vida, morrer de morte" de Heraclito.

Uma sociedade está em autoprodução e reorganização permanente através da morte, que ao mesmo tempo minam a existência e mantém a vitalidade, tornando-se um traço fundamental do funcionamento da organi-

zação do sistema. A sociedade funciona apenas enquanto organização pela morte, com a morte e na morte. O patrimônio coletivo de saberes só faz sentido, porque as gerações morrem e é preciso transmiti-la às novas gerações. E como reprodução assume o seu sentido em função da morte. Para Morin, "A individualidade que se afirma sobre a morte", e a partir da crença de sua individualidade se preocupa com a morte, surge a angústia da morte e a promessa da imortalidade. Surge a crise da morte.

São poucos os indivíduos que se ocupam da morte; os próprios velhos, perto dela, já nem mencionam a nova realidade, o homem de hoje quer desalojá-lo de si. A morte significa um fim, um "não-ser-mais", término de todos os seus valores e realizações. Os horrores, as barbaridades desta época, as destruições em massa, a opressão das minorias, as agressões a humanidade pertencem a uma vida de mero ascendente e apagar na tentativa da imortalidade.

CONCLUSÃO - EXISTIR OU MORRER

Vida e morte misturam-se quando se busca um sentido para a experiência mais dolorosa da vida humana, o fim. Mesmo que o homem acredite confrontá-la, a morte sempre estará encoberta pelo medo, pelo horror, pelo mito e pela angústia.

O homem estará sempre entre duas verdades, que não cabe a ele escolher, mas sim enfrentá-la, "a alegria de existir e o horror de acabar" como afirma S. Beauvoir em "A força da Idade".

Na alegria de existir o homem sempre buscará a essência da vida, o sentido e a emoção de viver, assim como buscará o sentido da morte. A Indagação "para onde vou", continuará sendo o mistério da vida do homem.

Se o mistério não é morte, mas as atitudes do homem para com ela, como afirma Morin. E que é preciso inverter as evidências e estudar as paixões do homem para com a morte para chegar na sua realidade biológica, é preciso que se reflita em primeiro lugar as relações do homem com a vida. Morte e vida são indissociáveis segundo Morin, e a única imortalidade estará na metamorfose. Neste sentido a dicotomia Natureza e Cultura carece de uma reflexão mais profunda. É preciso refletir como o homem se relaciona com a natureza, pois enquanto ser biológico é parte dela. Desta forma mesmo antes de analisar as relações do homem com a morte é preciso estudar sua relação com a vida. Refletir uma possível relação harmoniosa do homem com a natureza, para tentar compreender o des-encontro do homem com a morte.

Neste sentido concordamos com Morin, de que a Antropologia precisa considerar outras disciplinas para alcançar uma dimensão maior ao repassar os dados Antropológicos da morte quer seja o seu horror, o seu risco ou o seu mito.

Sendo a morte um imperativo da vida do homem enquanto ser, por

que modificá-la, se é ao mesmo tempo vida. Se os homens estão em auto-produção e reorganização através da morte, minando existências, mas vitalizando o funcionamento da organização do sistema, a crise da morte seria uma crise muito mais ampla, a de manter-nos vivos enquanto espécie.

Ao se rediscutir a morte, seria necessário refletir os valores que os homens dão à vida, que se manifestam no vigor, na beleza, no fulgor da juventude. Pois antes mesmo de baixar a sepultura o homem já se acha despojado na velhice. Tornar-se velho é desfazer-se, é sentir o mesmo poder de destruição que a morte representa. É a experiência mais dolorosa do ser humano, é sentir que sua vitalidade, seu vigor em vez de permanecerem firmes se esvaem no nada.

Não há dúvida que seria necessário um outro olhar para a morte. Uma outra condição para estudá-la, que só seria possível a partir de uma relação contínua entre a natureza, o homem e a cultura.

O problema da morte só pode ser recolocado numa discussão Antropológica mais ampla, que permita não apenas olhar a relação do homem com a morte, mas a sua relação com a vida, a sua natureza paradoxal. O ser biocultural que abarca desde a sua natureza animal até sua criação simbólica.

BIBLIOGRAFIA

1. ARIES, Philippe . **O Homem diante da Morte**. R. de Janeiro. F. Alves, 1982. 2v.
2. BRANDÃO, C. R. **A MORTE: essa vizinha: Ritos e Mitos**. Da Morte em Catuçaba, três estudos. Boletim de Antropologia nº 2 Unicamp.
3. DE MARTINO, Ernesto. **Morte e Pianto Rituale**. U. S. Borinheri, Torino. Itália 1975.
4. L. STRAUSS, C. **Tristes Trópicos**, ed. 70, Lisboa. 1986
5. ———, **Minhas Palavras**, Brasiliense. S. Paulo. 1986 (6ª parte)
6. MALINOWSKI, (**Antropologia. Grandes Cientistas Sociais**, Ática, S. Paulo, 1986 p.57-58.
7. MARANHÃO, J. L. S. **O que é a Morte**. Brasiliense, S. Paulo 1986.
8. MORIN, Edgar. **O Homem e a Morte**. Publicações Europa-América. Biblioteca Universitária. Lisboa

9. Os Bororo - **Quando a vida passa pela morte.** CODAC. USP. S. Paulo 1987 (exposição fotográfica)
10. RODRIGUES, J. C. **Tabu da Morte.** Achimé. Rio de Janeiro 1983
11. RUFFIÉ, J. **O sexo e a morte.** Trad. Carlota Gomes. Rio de Janeiro. Nova Fronteira . 1988
12. SEBE, J. C. Caderno nº 1 do Arquivo Memória de Guratinguetá do Museo Frei Galvão - S. P. 1983.
13. MARTINS, J. S. (org) **A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira.** Hucitec, São Paulo 1983.
14. TORRES, W. Coord. **A Psicologia e a Morte** Ed. Fundação Getúlio Vargas - ISOP Rio de Janeiro 1983.
15. ZIEGLER, J. Los vivos y la muerte. 1976
16. BEAUVOIR, S. A. **A força da Idade.** Ed. Nova Fronteira R. J. 1984.